

O real e a metáfora: “mãozinhas” em discurso

Lucília Maria Abrahão e Sousa*

André Cavalcante**

Thales de Medeiros Ribeiro***

Resumo: A partir da análise de discurso (AD), discutimos as construções teóricas de Pêcheux e de outros pesquisadores a respeito do ponto de encontro entre o real da língua e o real da história. Na pandemia, duas enfermeiras criaram a técnica “mãozinhas do amor”, que, a partir de luvas com água quente, simula o toque da mão humana junto à mão do paciente com COVID-19. Com base em materiais jornalísticos, analisamos os modos como essa técnica aponta para o horror e para o inominável da morte pela via da metáfora.

Palavras-chave: Análise do discurso. Metáfora. Real.

Abstract: In this article, we discuss the theoretical constructions of Pêcheux and other researchers regarding the meeting point between the real of language and the real of history. In the COVID-19 pandemic context, two nurses created the “mãozinhas do amor” technique. With gloves with hot water, it simulates the touch of the human hand next to the hand of the COVID-19 patient. We analyze how this technique points to the horror and the unnamable of death through metaphor.

Keywords: Discourse analysis. Metaphor. Real.

Résumé : Dans cet article, nous discutons de certains problèmes théoriques de Pêcheux et d'autres auteurs concernant le point de rencontre entre le réel de la langue et le réel de l'histoire. Pendant la pandémie, deux infirmières ont créé la technique “mãozinhas do amor”. À partir de gants avec de l'eau chaude, elles simulent le toucher de la main humaine à côté de la main du patient atteint de COVID-19. Nous analysons comment cette technique pointe vers l'horreur et l'innommable de la mort à travers de la métaphore.

* Livre-Docente em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP) e professora Associada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). <http://orcid.org/0000-0002-4585-9287> / E-mail: luciliasousa@gmail.com

** Doutor em Estudos da Linguagem/Linguística pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). <http://orcid.org/0000-0001-7654-3704> / E-mail: acbs.cavalcante@gmail.com

*** Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e pós-doutorando na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP). <http://orcid.org/0000-0002-0005-133X> / E-mail: thalesmedeirosribeiro@gmail.com



Mots-clés : Analyse du discours. Métaphore. Réel.

Do real, o que não se diz

O que não tem governo, nem nunca terá
(Chico Buarque. *O que será?* 1976)

Em *A língua inatingível*, Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 33) afirmam que “a metáfora também merece que se lute por ela”.¹ O “também merece” coloca em jogo mais uma dentre tantas lutas, pautas e reivindicações que, no furor dos anos 70 e 80, flertavam com o quadro epistemológico linguístico. Destacando as marcas “lei, regra, código, funcionamento, norma, sistema”, regularizadas como evidentes no trato com a língua, os autores assinalam duas vertentes para os estudiosos que “pretendem teorizar sobre a língua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 30). Primeiramente definem os estudos da forma, nos quais as relações internas da língua são consideradas e descritas; tecem a ressalva de que há uma ordem de “atrás” que não é considerada e inscreve “em sua própria estrutura o real próprio de toda língua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 30). Um segundo grupo diz respeito aos que consideram as determinantes sociais que afetam a língua, tomada aqui como “o produto social precário de fato, resultante de uma longa série de decisões acumuladas” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 30). Considerando tal gangorra, assinalam uma terceira via, que implica a consideração do real como estatuto e condição de toda língua.

[A] questão de um real da língua inscreve-se nessa disjunção maior entre a noção de uma ordem própria à língua, imanente à estrutura de seus efeitos, e a de uma ordem exterior, que remete a uma dominação a conservar, a reestabelecer ou a inverter. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 30).

Considerar “um real” – sinal de que existem outros, talvez distinção mais séria entre a análise de discurso (AD) e a psicanálise – como constitutivo da língua é o mesmo que considerá-la impossível de ser una, homogênea, cerzida pela exatidão e completude,

¹ Os autores retomam esse enunciado do livro *A vida está em outro lugar*, de Kundera (1973).

abrindo um campo teórico até então não acolhido. Em certas passagens da obra de Pêcheux e de outros pesquisadores a ele associados, o real é relacionado aos registros do simbólico e do imaginário, indicando uma possível aproximação entre a AD e a teoria do campo psicanalítico.

A questão de um real da língua é, para nós, subjacente à da própria existência da linguística com pretensão científica. Esta tese retoma a de J.-C. Milner, no uso que ele faz do termo real, tomado de empréstimo a Jacques Lacan (distinção real/simbólico/imaginário). O concreto com o qual a linguística trabalha, de natureza negativa [...] é o efeito propriamente linguístico desse real. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 33).

Contudo, como é possível notar na citação acima, o real se pluraliza na reflexão desse autor – torna-se “um real” entre outros –, dizendo respeito sobretudo à condição de existência dos diferentes campos do saber. Neles, o processo de construção dos objetos de conhecimento e a escrita também apontam para o real, na medida em que permitem situar um impasse de formalização no interior de cada prática científica. Pêcheux afirma, por exemplo, que o corte galileano abriu a possibilidade do “*real físico* enquanto processo, delimitando um impossível próprio a este real, através de relações reguladas combinando a construção de escritas conceptuais e a de montagens experimentais” (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 37).

Essas várias formas de se referir ao real, ao impossível próprio de uma formalização, podem ser lidas no ensaio *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Se, por um lado, Pêcheux se aproxima da concepção lacaniana ao declarar que “não descobrimos [...] o real: a gente se depara com ele, dá de encontro com ele, o encontra” (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 29), por outro, ele parece se afastar de tal concepção, atestando a existência de vários tipos de real, como o real físico ou o real específico às disciplinas de interpretação: “interrogar-se sobre a existência de um real próprio às disciplinas de interpretação, exige que o não-llogicamente estável não seja considerado *a priori* como um defeito, um simples furo no real” (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 43). É supor que

[...] – entendendo-se o “real” em vários sentidos – possa existir um outro tipo de real diferente dos que acabam de ser evocados, que não se reduz à ordem das “coisas-a-saber” ou a um tecido de tais coisas. Logo: um real constitutivamente estranho à univocidade lógica, e um saber que não se

transmite, não se aprende, não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos. (PÊCHEUX, [1983] 2008, p. 43).

A metáfora e o real: está em jogo a ciência de não ser possível tudo dizer e de levar em conta a irrupção do equívoco, o mal-entendido que não cessa de se presentificar a cada tomada de palavra. Sustentar tal posição, no campo da linguística e do materialismo, em especial na esteira dos estudos althusserianos, não é empreitada fácil, já que coloca os estudiosos diante do mesmo objeto escorregadio e escapante com que Saussure se deparou nos estudos anagramáticos, por exemplo. Sobre o genebrino, Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 55) afirmam que algo do real fica apontado no trabalho derrapante dos sons por entre os versos, na tessitura de arranjos sempre outros, que guardam a providência de apontar algo do real e de alíngua.²

Nesses termos, Pêcheux situa a língua na relação com alíngua, melhor dizendo, com o impossível que lhe é próprio. Em consonância com Milner ([1978] 2012), não se pode dizer tudo. Eis o primado. Dar à língua esse estatuto de incompleta e furada abre espaço para deixar a metáfora a salvo, isso porque só diante do inominável existe possibilidade do retorcimento da própria língua (SOUSA, 2016) em rupturas, deslizamentos e equívocos espiralados e pivotantes. Estamos diante de uma teoria que leva em conta o real e isso não é pouco. Dá a pensar aqui o seguinte paradoxo: a mesma língua furada que não completa a totalidade dos sentidos das palavras é aquela com a qual o real é apontado, indicado e sinalizado; unindo em uma espécie de impossível (e por que não sustentar uma espécie de inatingível?) duas pontas que antes não eram tocadas nas teorias linguísticas.

Pêcheux é categórico em definir o real da língua como um dentre três, já que em outro trabalho afirma que “Há um real da língua. Há um real da história. Há um real do inconsciente.” (PÊCHEUX, [1981] 2016, p. 11), isso marcadamente separado por três pontos que interrompem uma possível articulação entre eles.

Essa tripla asserção, onde se manifesta uma relação problemática com o real, exclui, imediatamente, uma posição teórica que venha a organizar seu

² De acordo com Milner ([1978] 2012, p. 39), o puro conceito de língua, tal como forjado na obra saussuriana, concerne ao não-todo que marca alíngua, ou ainda, àquilo que sustentaria alíngua em sua qualidade de não toda. Sobre esse neologismo, cf. também Barbai e Pacheco (2016).

dispositivo de respostas: trata-se, antes de tudo, de resistir ao sistema de falsas respostas que contorna a materialidade do que está em jogo na língua. (PÊCHEUX, [1981] 2016, p. 11).

No *Colóquio Materialidades discursivas*, o autor aposta na questão das materialidades discursivas como ponto de encontro possível – mas não de articulação – entre a linguística, a história e a psicanálise. Em outros termos, tal aposta se funda na constatação de que não há um dispositivo teórico que possa neutralizar as marcas singulares de cada prática. Assim, “a questão teórica das materialidades discursivas surge precisamente daquilo que, entre a história, a língua e o inconsciente, resulta como heterogeneidade irreduzível” (PÊCHEUX, [1981] 2016, p. 23-24). Diante dessa tripla asserção, o real da língua é dito ao se referir a Saussure, especialmente ao apontar que a língua é um sistema indócil, que não se submete ao trancamento dos sentidos posto que reclama considerar o sujeito em seu desejo ardente de fal(h)ar.

Depois de Galileu, Darwin, Marx, Freud... o que aparece com Saussure é da ordem de uma ferida narcísica. Um saber aí se libera, o qual, sob o peso do que a ciência da linguagem acreditava saber, a obcecava sem que ela aceitasse reconhecê-lo: a língua é um sistema que não pode ser fechado, que existe fora de todo sujeito, o que não implica absolutamente que ela escape ao representável.

Compreende-se que muitos saussurianos se tenham empenhado, em nome de Saussure, em tratar dessa ferida, em disfarçar a novidade insuportável que perturba assim as relações entre o desejo, o real e o impossível. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 63).

Os autores pontuam ainda que “toda língua é afetada por uma divisão (figurada pela distinção entre o correto e o incorreto) que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na ordem da própria língua.” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 32). A divisão também dá notícias do paradoxo colocado anteriormente, marcando *modos de dizer e contornar o inominável*, tropeçando em palavras que tateiam e, ao mesmo tempo, fracassam. Ou seja, a divisão está posta na ponta da língua pelo “impossível que lhe é próprio” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 52).

Vale acrescentar que os trabalhos fundamentais da AD enfocam não a separação categórica entre os vários tipos de real, mas a imbricação entre os campos da linguística, da história e da psicanálise. Esses pontos de atravessamento se instauram nas “falhas”,

naquilo que emerge como “ruído” do encontro entre língua, discurso e história. De acordo com essa tomada de posição, na medida em que a sintaxe aponta para um “fora” da língua, pode-se isolar, de um lado, uma referência ao inconsciente e, de outro, uma referência à ideologia. Isso pode ser lido, por exemplo, nos estudos de Pêcheux ([1975] 1995) e Henry ([1977] 1992) sobre as construções relativas. Nesses trabalhos, os autores se atêm aos “efeitos discursivos”, produzidos a partir da base linguística que é a língua em sua autonomia relativa, mas ligados à inscrição de um sujeito em um processo histórico” (GADET, 1978, p. 513). Assim, a língua é cortada pelo que lhe é exterior.

[...] o real da língua não é costurado nas suas margens como uma língua lógica: ele é cortado por falhas, atestadas pela existência do lapso, do witz e das séries associativas que o desestratificam sem apagá-lo [...]. O não-idêntico que aí se manifesta pressupõe a língua, enquanto lugar em que se realiza o retorno do idêntico sob outras formas; a repetição do significante na língua não coincide com o espaço do repetível e do que é próprio à língua, mas o fundamenta e, com ele, o equívoco que afeta esse espaço: o que faz com que, em toda língua, um segmento possa ser ao mesmo tempo ele mesmo e um outro, através da homofonia, da homossemia, da metáfora, dos deslizamentos do lapso e do jogo de palavras, e do bom relacionamento entre os efeitos discursivos. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 55).

Portanto, manter a língua no escopo de sua teorização leva Pêcheux, a partir de sua escuta materialista, a sinalizar o real da história. Se a categoria materialista de real se especifica por sua relação com o impossível,

com que real poder-se-ia afirmar que o materialismo histórico trabalha? A questão do materialismo [...] engaja uma aposta política baseada na existência de um real da história. O materialismo histórico pretende basear-se em uma percepção desse real como contradição. (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 35).

Gadet e Pêcheux ([1981] 2004, p. 35) se opõem enfaticamente a alguns dos posicionamentos defendidos por Milner em *O amor da língua*, sobretudo a sua percepção da história como “puro efeito imaginário, eventualmente destruidor, mas não principalmente como um real contraditório”. Com a contradição, outra espécie de divisão se estabelece, impedindo que, na sociedade, seja possível evidenciar a completude, a totalidade, a simetria entre parcelas que são radicalmente diferentes nas formas de acesso e poderes.

Pensando a existência de dois reais, no encerramento de sua tese, Jean-Jacques Courtine argumenta que a adoção de uma perspectiva especificamente discursiva equivale a “reconhecer no discurso, como objeto, a imbricação de dois reais: o da língua, em sua autonomia relativa, e o da história, apreendido a partir da contradição das forças materiais que nele se afrontam” (COURTINE, [1981] 2009, p. 235).

A irrupção do equívoco, que aponta para o real da língua, afeta também o real da história: “o equívoco aparece exatamente como o ponto em que o impossível (linguístico) vem aliar-se à contradição (histórica); o ponto em que a língua atinge a história” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 64). Isso se manifesta no próprio fato de que os processos revolucionários e os acontecimentos roçam o espaço da língua, a exemplo da instauração do francês nacional na revolução burguesa de 1789 ou do surgimento de vanguardas literárias, poéticas e linguísticas na revolução russa de outubro de 1917. Instalando-se no lugar onde o acontecimento fratura a linguagem, Pêcheux recorre à fórmula lacaniana da metáfora para indagar como o sentido passa a se produzir no interior do não-sentido, no solo da língua e no chão da história. Em texto posterior, o autor mostra que o ponto em que o real se entrecoca com o imaginário toca também a ordem da linguagem e do simbólico.

A questão histórica das revoluções concerne por diversas vias ao contato entre o visível e o invisível, entre o existente e o alhures, o não-realizado ou o impossível, entre o presente e as diferentes modalidades da ausência. Não seria o caso de designar ao mesmo tempo como esta questão, onde o real vem se afrontar como o imaginário, diz respeito [*touche*] também à linguagem, na medida em que ela especifica a existência do simbólico para o animal humano?” (PÊCHEUX, [1982] 1990, p. 8).

A resistência envolve também a irrupção do equívoco. “A resistência é um trabalho com o real: a incompletude como real da língua e a possibilidade do sentido ser sempre outro, e a contradição como real da história e a possibilidade da abertura e do acontecimento nas falhas do ritual.” (MODESTO; DOS ANJOS, 2017, p. 10). Lutar pela metáfora no campo da história é olhar para aquilo que transborda a dimensão da evidência, transbordamento que se manifesta no tropeço do significante, naquilo que vem irremediavelmente a mancar nos rituais de interpelação ideológica, e, assim, faz ruir a sedução totalitária do assujeitamento perfeito. Sendo assim,

apreender até seu limite máximo a interpelação ideológica como ritual supõe reconhecer que não há ritual sem falha; enfraquecimento e brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso (PÊCHEUX, [1978] 1995, p. 300-301).

Há o real. Há falhas na interpelação que fazem deslocar sentidos através de efeitos metafóricos. A metáfora tenta preencher de sentidos da decalagem entre o impossível e o significantizável. Com o horror, a dor, a doença, o sofrimento e a morte nos deparamos com o abismo entre as palavras e o vazio que se abre por não ter como empregá-las e inscrevê-las, fazendo com que a injunção aos sujeitos a interpretar, a dar sentidos, se imponha, como se pode analisar com as “mãozinhas do amor”.

Da “mãozinha”: um nome para contornar o real

*“Me sobre novamente as canções
Com que você me engana?
Que blusa você, com o seu cheiro
deixou na minha cama?
(...) Que horas você volta?”*

(Chico Buarque/Guinga. *Você, Você – Canção Edipiana*. 1998).

“Ninguém solta a mão de ninguém” foi um enunciado que ecoou no dia 28 de outubro de 2018 após a eleição presidencial no Brasil que elegeu Jair Bolsonaro como o 38º presidente da República. Um enunciado-manifesto que percorreu as redes sociais. Um chamado ao fortalecimento de grupos que se sentiram ameaçados com o cenário de horror que se encenava com os depoimentos do então candidato favorável à tortura, à violência e à destituição de direitos civis conquistados a duras penas nas últimas décadas. Tal metáfora para a união de mãos, de corpos, de vozes e de sujeitos em defesa da liberdade e da democracia fez-se urgente diante da ameaça de um governo apoiado por forças militares e setores ultraconservadores da política nacional.

Pouco tempo depois da eleição do referido presidente, em 2020, nos deparamos com a pandemia de Covid-19, um vírus letal e contagioso que escapou ao controle de todo o saber científico e rompeu com os sentidos estabilizados sobre saúde pública, convivência social, contágio de doenças, fazendo falar um efeito atônito de não saber o que fazer com isso no nosso país e no mundo todo. Uma ferida foi iniciada no campo da ciência, o que marcou um apontamento do real em duas direções de sentidos: i. o impossível se defender disso e ii. o absurdo número de mortos que passaram a ser contabilizados diariamente como índice do inominável.

Estamos próximos de uma quarta e decisiva ferida narcísica. Ameaçada de morte prematura, a humanidade está se preparando para sair do palco em que protagoniza o papel de único dominador da natureza. Está para sair do palco a fim de entregar à natureza o direito exclusivo de atuação em cena. A quarta-feira de cinzas da história da humanidade na Terra será bem outra, não tenhamos ilusão. (SANTIAGO, 2020, n.p.).

A partir de então o que sabíamos sobre o corpo, a sociabilização, a convivência e o sistema imunológico foi posto em xeque. Os saberes da ciência, do jornalismo e do cotidiano não puderam dar conta de significar tal doença³. Com ela, os encontros, os abraços, o tocar, o cumprimentar com aperto de mãos nos foram tomados, impedidos de serem experimentados e substituídos por outros modos de vivenciar e colocar o corpo na trama social: dois metros de distância entre os corpos marcados pelo uso de máscara facial e álcool nas mãos. Enquanto 2018 nos dizia, metaforicamente, para não soltar a mão de ninguém, 2020 nos exigiu a nos afastar fisicamente para conter a disseminação do novo coronavírus, impedindo que nossas mãos pudessem ser dadas, enlaçadas e sequer tocadas. Ou seja, nesses dois acontecimentos históricos as mãos entraram em cena e passaram a ser discursivizadas. Em um primeiro momento, elas, que marcam a singularidade de cada um e que sustentam o lugar da impressão digital única e irremediável do biológico, foram convocadas como ícone de um processo de resistência e solidariedade e, em um segundo tempo, tiveram que ser recolhidas, contidas e isoladas.

³ Ainda que não fossem capazes de significar a doença e elaborar as perdas causadas por ela, desde o início de 2020, intelectuais de todo o mundo não se recusaram a refletir criticamente sobre a pandemia e sobre um conjunto de problemáticas a ela relacionadas. Recomendamos, nessa esteira, a série “pandemia crítica” da Editora N-1: <https://www.n-1edicoes.org/textos>.

Aqui trazemos as mãos para o centro do nosso gesto de leitura, analisando como elas retornam ditas e deslocadas por um contexto hospitalar de cuidado, inscrevendo uma posição sujeito outra e dando uma borda ao real da morte.

O não saber lidar com a doença, com o tratamento apropriado e cuidados com os doentes fez com que médicos e enfermeiros que estão na linha de frente do combate à pandemia buscassem formas menos sofridas e eficazes para cuidar dos doentes, frente à distância da possibilidade de vacina para todos e as ineficazes propostas do governo. O enfrentamento ao coronavírus nos trouxe também uma gama de dizeres de guerrilha como “combate”, “batalha”, “luta”, “guerra”, entre outros.⁴ Neste cenário, duas enfermeiras paulistas da cidade de São Carlos criaram uma técnica inédita, denominada das “mãozinhas” que, a partir de luvas cheias de água quente, simulam o toque da mão humana junto a mão da pessoa do paciente com covid. Na posição de enfermeira, profissionais mais próximos dos pacientes, que exercem um maior cuidado e proximidade com os enfermos, diferente dos médicos e pesquisadores. De dentro da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e a partir da voz do sujeito na posição de enfermeira, o significante “mão” volta a ser discursivizado como objeto acoplado ao corpo e, ao mesmo tempo, como prótese de uma presença capaz de assegurar amparo, toque e tranquilidade aos intubados. Esta técnica foi nomeada de “mãozinhas do amor” e consiste em colocar duas luvas médicas dentro das mãos dos pacientes fazendo tocar na pele uma superfície plástica aquecida pela água quente. Personifica-se, desloca-se e ressignifica-se o que antes era apenas uma película plástica de proteção e higiene para os profissionais da saúde no trabalho diário, tornando a luva imaginariamente o pedaço de um corpo que fica junto do doente, que toca e tenta se fazer presença durante a intubação, que simboliza e dá uma resposta metafórica ao horror, ao inominável do espectro da morte que ronda em especial os que estão gravemente acometidos pelo vírus.

⁴ Na Enciclopédia Discursiva da COVID-19, Costa e Conti (2020, n.p.) destacam que a própria expressão “linha de frente”, presente no vocabulário das forças armadas, é “associado a palavras como combate, enfrentamento, luta, heroísmo, batalha, todas de forte engajamento militar”. Essas designações remetem a uma antiga aliança entre a esfera médica e a militar, como ocorreu no início do século XX, no período da Revolta da Vacina e da higienização dos portos no Brasil. Disponível em: <https://www.informasus.ufscar.br/linha-de-frente/>. Acesso em: 14/06/2021.

Aqui nos interessa compreender a relação entre a metáfora das mãozinhas e o real. Trombamos com o real e tentamos bordejá-lo, não sendo possível em tentativas fracassadas e sempre renovadas de tentar apreender simbolicamente o inominável. Assim, por meio de imagens de como essa técnica foi discursivizada em portais de notícias, faremos algumas leituras em dois tempos de análise. No primeiro tempo, com duas imagens e trechos das matérias com vistas a analisar a nomeação dada pelas técnicas e o objetivo que elas deram. Já o segundo tempo diz respeito aos deslocamentos que as “mãozinhas” passaram a inscrever quando da circulação midiática desse recurso, ou melhor, quando elas foram replicadas como uma técnica capaz de acalmar os doentes e de humanizar o cotidiano no cenário intensivista.

1º tempo de análise: as mãozinhas como resposta ao real

*“E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo,
Tempo, tempo, tempo, tempo,
Entro num acordo contigo”*
(Caetano Veloso. *Oração ao tempo*. 1979)

Figura 1: Mão de profissional coloca a “mãozinha”



Fonte: <https://oestadoce.com.br/nacional/para-amparar-intubados-enfermeiros-usam-maozinha-do-amor> Acesso em: 10/06/2021.

Figura 2: A primeira “mãozinha do amor”



Fonte: <https://www.istoedinheiro.com.br/maozinha-do-amor-luvas/> Acesso em: 10/06/2021.

“Mãozinha do amor”: luvas de látex quentes imitam toque humano para pacientes de Covid no interior paulista.

SÃO CARLOS (Reuters) - A luta contra a Covid-19 é solitária: os pacientes são obrigados a se isolar em unidades de tratamento intensivo longe de familiares e amigos. Mas duas enfermeiras da cidade paulista de São Carlos descobriram uma maneira de ajudar com um milímetro de látex e um pouco de água quente que imita o toque humano. Semei Araújo Cunha e Vanessa Formenton improvisaram a técnica que batizaram de “mãozinhas do amor” trabalhando na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Santa Felícia.⁵

A primeira imagem dá a ver o funcionamento da técnica das mãozinhas. Fios, aparelhos e acessos respiram pelo paciente, um corpo intubado no leito do hospital. Em suas mãos, as mãos do profissional colocam a luva de látex cheia de água quente, cuja forma se adapta à mão do paciente singularmente já que o conteúdo fluido e líquido permite esse arranjo particular. O toque, o calor e o afeto da mão humana passam a ser significados pelo abraço das luvas cheias de água quente nomeadas como “Mãozinhas do amor”. A marca “amor” instala um campo semântico que foge aos sentidos naturalizados como evidentes para o cuidado pragmático com um paciente grave na UTI, ou seja, irrompe aqui uma outra espécie de mão, que não aquela que opera máquinas, processa a intubação, administra doses de remédios, limpa e cuida dos comandos médicos. A metáfora está posta; assim, as mãozinhas do amor (e o uso do

⁵<https://www.istoedinheiro.com.br/maozinha-do-amor-luvas/>. Acesso em: 10/06/2021.

diminutivo é quase uma delicadeza) presentificam uma saída inesperada, um giro frente aos sentidos cristalizados e uma aposta de que as mãos podem continuar a ser dadas mesmo em condições de absoluto horror. A segunda imagem é a da primeira mãozinha feita pelas enfermeiras. Observa-se o encaixe perfeito entre os dedos do corpo e os dedos do látex, não apenas como um cumprimento de mãos, mas mãos que se seguram, se entrelaçam, se unem e que funcionam como uma presença.

Textualmente, na matéria, são colocados dizeres que visam explicitar esse procedimento: “tentam imitar o toque humano”, é uma tentativa de uma imitação, algo que não se dá, da ordem da não possibilidade, do impossível de substituir, mas que há uma aproximação. Inscreve-se também na matéria uma justificativa “A luta contra a Covid-19 é solitária: os pacientes são obrigados a se isolarem [...] dos amigos e da família”. É pensando na necessidade de isolamento do paciente e sabendo que o ser humano é social, pelo desamparo fundamental, este precisa do outro. Então, com o afastamento físico, algo do impossível se inscreve nos sujeitos.⁶ Assim, visando ajudar os pacientes, as enfermeiras Semei Araújo Cunha e Vanessa Formenton “improvisaram a técnica que batizaram⁷ de ‘mãozinhas do amor’”. Ainda sobre o procedimento que inventaram, uma delas afirma:

Quando acabamos de colocar, dissemos “olha que legal”. Sentimos um aconchego, parece que ela falava com os olhos, mesmo intubada. Colocamos as luvas na mãozinha dela e ficamos passando a mão no rosto dela. Era uma forma de carinho, não só físico, mas também emocional. Não é só medicamento, higiene ou alimentação que ajudam. O paciente não está ali por querer, mas por precisar. É preciso ter empatia.⁸

A enfermeira, em suas palavras, faz funcionar uma posição discursiva em que o modo de relação entre cuidador e paciente se estabelece nas bases de um “sentimos um aconchego”. O sujeito também inscreve a necessidade de sentir algo para além do sofrimento do doente, do desespero do corpo com dificuldade de respirar, da solidão de

⁶ <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/pacientes-da-unidade-covid-zona-norte-recebem-cuidado-com-maos-improvisadas-para-sentirem-acalento/>. Acesso em: 10/06/2021.

⁷ Aqui já se percebe um atravessamento do discurso religioso, algo que veremos de forma mais forte no segundo tempo de análise.

⁸ <https://oestadoce.com.br/nacional/para-amparar-intubados-enfermeiros-usam-maozinha-do-amor/>. Acesso em: 10/06/2021.

não ter companhia durante a internação, do horror de tantos mortos ou morrendo. “Parece que ela falava com os olhos”, temos aí uma outra impossibilidade, qual seja, falar quando o corpo está intubado. O enunciado indicia o modo como o olhar significa e pode ser entendido, como é revestido de linguagem na relação cotidiana com as enfermeiras e como passa a ser investido de interpretação na medida em que a boca está impedida de se movimentar. Para ela, este ato representa não só carinho físico, mas emocional, já que “É preciso ter empatia”.

Diante do horror da morte, da agonia de não poder respirar e do desamparo dentro dos centros de terapia intensiva, a metáfora da luva se instala e os sentidos se movimentam. É como se uma segunda pele além do látex pudesse ser posta ali no lugar em que as palavras faltam, em que os corpos não respondem e em que as subjetividades não podem ser inscritas. Ao real de um corpo sem anteparo, sem história de vida, sem parentes por perto, sem a narrativa de suas vitórias e fracassos, sem as queixas, gemidos e pedidos e sem a voz singular, correspondem as mãozinhas do amor. Elas são o invento cotidiano humano por excelência, não apenas porque instalam efeitos de amparo, cuidado e empatia (e isso já seria muito), mas sobretudo porque metaforizam o horror, produzem um forçamento no sentido de morte e contornam simbolicamente o real.

2º tempo: mãozinhas dadas pelo país todo

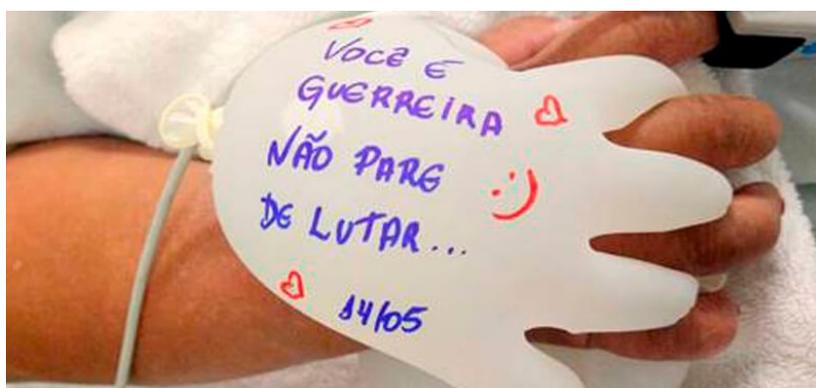
*“Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.”
(Carlos Drummond de Andrade. *A flor e a náusea*. 1945).*

As mãozinhas passam a se desdobrar em diferentes instâncias midiáticas e ocupam outras tantas UTIs do país; com isso, são replicadas e outros sentidos de/em outros lugares são também inscritos pela palavra como se observa nas figuras 3 e 4. Pêcheux ([1969] 2014, p. 96), no início de suas teorizações, afirma que o efeito metafórico

é um efeito semântico produzido por substituições que promovem o “deslizamento de sentidos”. Deslizamentos que aqui partem das luvas simples, simbolizando o toque humano, o afeto, o cuidado, e derivam para palavras de companhia. Enunciados são colados às luvas com inscrições de diferentes ordens e passam a produzir sentidos em um contexto bastante específico em condições de produção atreladas à luta pela vida e sobrevivência, sentidos regularizados e frequentes em se tratando de pacientes com Covid nas UTIs.

No caso abaixo (Figuras 3 e 4) está em curso o funcionamento discursivo do imperativo “não pare de lutar” e “seja forte, não desista”, que não será lido por aqueles que seguram as mãozinhas do amor, mas que significa um modo de anotação da luta guerreira contra o vírus, atribuindo aos doentes o status de resistência, força e não desistência da vida.

Figura 3: Você é guerreira



Fonte: <https://jr.jor.br/2021/06/04/projeto-maozinha-do-amor-ampara-pacientes-internados-no-hospita>
Acesso em: 10/06/2021.

Figura 4: Seja forte, não desista!



Fonte: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/pacientes-da-unidade-covid-zona-norte-recebem-cuidado-com-maos-improvisadas-para-sentirem-acalento/> Acesso em: 10/06/2021.

Nas figuras 5, 6 e 7, além do imperativo, entra na formulação a indicação de um “nós” indiciário de uma companhia e afetos serem marcados no uso da língua. Aí um desenho de coração se inscreve, e também em outras mãozinhas. “Estamos com você” discursiviza a presença da enfermagem no cuidado diário, não apenas cumprindo regimentos protocolares e técnicos de manutenção de medicamentos e assistências, mas produzindo uma companhia afetiva e carinhosa de palavras. Tal gesto humaniza a pessoa que está internada, inscrição simbólica que não deixa o doente se tornar só mais um corpo intubado a ser administrado, ainda que, não raro, a mensagem não possa ser diretamente lida/vista por ele (ou seja lida/vista só-depois). Essa borda do simbólico – dizeres postos nas mãos e inscritos na luva a ser acoplada ao corpo gravemente adoecido – diante do horror da agonia e da morte é uma metáfora de uma presença narrada através das materialidades da “mãozinha”. Funcionam, nesses enunciados, indicativos imperativos que dão ordens aos pacientes “seja forte”, “não desista”, “não pare de lutar”, apontando para a necessidade do familiar, do cuidador, de ver uma resposta do paciente ao tratamento, à doença. Assim como a necessidade de, em meio ao isolamento, dizer da não solidão, da presença-ausência do outro e de um futuro para além da intubação: “Estamos com você”, “Você não está sozinha”.

Figura 5: Seja forte e corajoso. Estamos com você



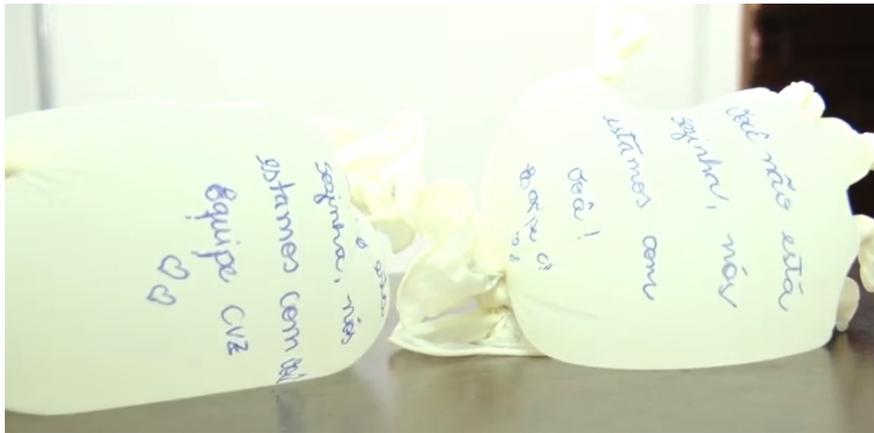
Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/05/10/internados-com-covid-recebem-mensagens-de-apoio-em-maos-feitas-com-luvas-cirurgicas-fica-forte-para-a-gente-se-casar.ghtml>
Acesso em: 10/06/2021.

Figura 6: Estamos com você



Fonte: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2021/05/10/internados-com-covid-recebem-mensagens-de-apoio-em-maos-feitas-com-luvas-cirurgicas-fica-forte-para-a-gente-se-casar.ghtml>
Acesso em: 10/06/2021.

Figura 7: Você não está sozinha. Estamos com você



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NoHmaQB-X-M> Acesso em: 10/06/2021.

Nas mãozinhas, há um conjunto de dizeres atravessados pelo discurso religioso e tomados por marcas que remetem ao divino. É certo que temos aqui um sentido dominante e legitimado de tratamento dado ao real, à morte e ao horror. A confiança em Deus, a certeza da vontade divina, o apego a uma força sobrenatural, o voto no milagre da cura, a fé são efeitos em discurso corrente nas sociedades contemporâneas e, mais ainda, na nossa colonizada pelo ideário católico e hoje afetada pelas igrejas neopentecostais. Vejamos como isso se marca (Figuras 8, 9 e 10).

Figura 8: Jesus te ama



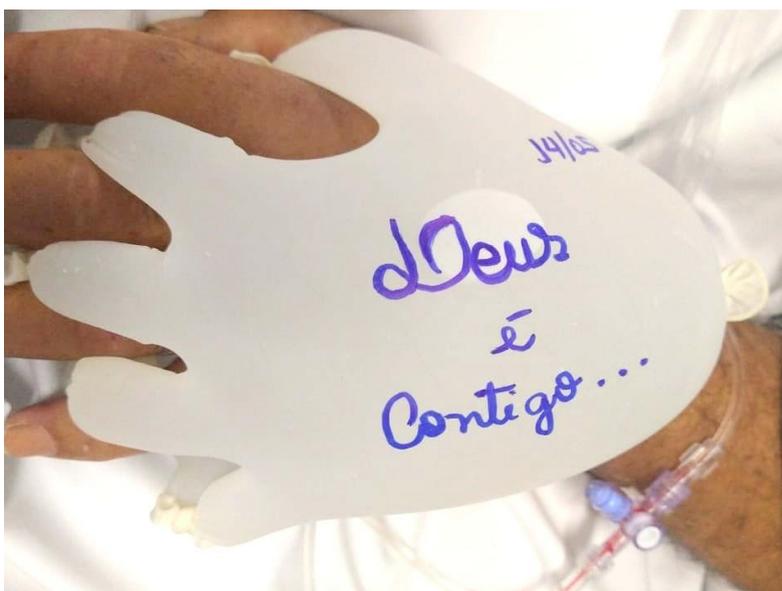
Fonte: <https://hsvicente.org.br/maozinha-do-amor-e-o-mais-novo-projeto-de-humanizacao-do-hospital-sao-vicente/> Acesso em: 10/06/2021.

Figura 9: Deus está aqui



Fonte: <https://www.diariodaregiao.com.br/cidades/2021/04/1229811-santa-casa-de-rio-preto-usa--maozinhas--de-luvas-para-confortar-pacientes-internados.html> Acesso em: 10/06/2021.

Figura 10: Deus é contigo



Fonte: <https://hsvicente.org.br/maozinha-do-amor-e-o-mais-novo-projeto-de-humanizacao-do-hospital-sao-vicente/> Acesso em: 10/06/2021.

As formulações acima marcam frases afirmativas que situam um modo de assegurar e dar crédito à presença divina naquele ambiente hospitalar intensivista. “Jesus

te ama”, “Deus está aqui.” e “Deus é contigo...” marcam uma espécie de certeza inquestionável que reinscreve o sentido dominante a respeito do absoluto sagrado nos termos de Deus “é” poderoso e “está” em todos os lugares, inclusive “aqui”. O ser e estar de Deus, e o amar de Jesus não deixam dúvida sobre os cuidados acalenta-dores das palavras ali escritas. Em torno desse eixo central, os efeitos da fé irrompem como um conforto a mais – espiritual – que, colados às “mãozinhas do amor”, funcionam de modo a tentar tamponar o inominável da morte.⁹ Esse forte atravessamento de saberes da ordem do divino e do religioso é invocado como o ser que é onipresente, “Deus está aqui” e “Deus é contigo”, e esse mesmo domínio de saber poderia, para essa discursividade, oferecer amor aos enfermos, “Jesus te ama.”.

As luvas cheias com água quente e tornadas mãozinhas do amor já seriam uma metáfora potente para os tempos atuais no país que acumula mais de meio milhão de mortos, outros milhões de sequelados e debilitados pelo vírus seguem a sua vida afetados por algo que indica a passagem do real pelo corpo e outros milhares que padecem doentes, sofrem e agonizam. Diante da gravidade da crise sanitária do país, as mãozinhas e as inscrições escritas nelas produzem a radical aposta na vida e no cuidado da voz de tantos sujeitos profissionais de saúde que vivificam a carne e a palavra em condições frequentemente muito precárias de trabalho. São esses sujeitos que dão nome ao que é impossível de suportar na carne, o real.

Nas fotografias que trouxemos ao longo deste trabalho, as mãos de carne e osso são singulares, têm traços próprios e guardam marcas diferenciais perceptíveis nos pelos, unhas, ossos, pele, coloração, tamanho, etc. A cada uma delas compete uma dor, um modo de estar com Covid, uma forma própria de agonia, uma história de vida que, nesse momento, é impossível de ser contada e resta silenciada em seus impasses, amores, saudades e medos. Elas igualam-se pela falta de movimento e vivacidade, pela forma como são documentadas por máquinas e pelo modo como restam solitárias. Envoltas pelas mãozinhas do amor e pelas palavras escritas no látex das luvas, estas mãos deixam de ser apenas carne exposta e indiciária do real, são envolvidas pelos efeitos metafóricos

⁹ Certamente, tal tentativa de fazer frente ao horror pela via do discurso religioso não ocorre sem colocar em cena um confronto e uma tensão com a laicidade dos saberes médicos e científicos.

de um alento que se quer esperança, vida e cuidado. Assim como para Drummond uma flor nasceu do asfalto a despeito do tédio, do nojo e do ódio, para nós as mãozinhas do amor rompem com a frieza das UTIs, respondem ao real da morte e metaforizam o humano em seus volteios por significar e dizer.

Referências

- BARBAI, M. A.; PACHECO, A. L. P. (H)A LÍNGUA. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, n. 38, p. 157-159, 2016.
- COURTINE, J.-J. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: Edufscar, [1981] 2009.
- GADET, F. La double faille. *Actes du Colloque de Sociolinguistique de Rouen*, Roen, p. 511-515, 1978.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. *Língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Unicamp, [1981] 2004.
- HENRY, P. *A ferramenta Imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, [1977] 1992.
- MILNER, J.-C. *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp, [1978] 2012.
- MODESTO, R.; ANJOS, L. Um social dividido, um não-lugar encenado pela fuga. *Rua*, n. 23, v. 1, p. 5-22, 2017.
- PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD69). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, [1969] 2014.
- _____. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, n. 19, p. 7-24, [1982] 1990.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas: Pontes, [1983] 2008.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Pontes, [1975] 1995.

_____. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Pontes, [1978] 1995.

_____. Prefácio. COURTINE, Jean-Jacques; MARADIN, Jean-Marie. Que objeto para a análise do discurso? In: CONEIN, B. *et al. Materialidades Discursivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SANTIAGO, S. A quarta-feira de cinzas da humanidade. In: *Suplemento Pernambuco*, 2020. Disponível em: http://suplementopernambuco.com.br/artigos/2460-a-quarta-feira-de-cinzas-da-humanidade.html?fbclid=IwAR35oV3b6QznS8UEApXUaEi-MhfCfo5IEI_i2cpcHdufRFoKPqO_Og9ag-E Acesso em: 12/06/2021.

SOUSA, L. M. A. O real e a poesia nos entremeios litorâneos de Pêcheux e Lacan. *Revista Fragmentum*. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

Recebido em 09/07/2021.

Aprovado em 25/08/2021.